

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

O FRUTO E A FLOR (JOÃO DE MEIRA, ESCRITOR).

NEVES, António Amaro das

Ano: 2012-2013 | Número: 122-123

Como citar este documento:

NEVES, António Amaro das, O fruto e a flor (João de Meira, escritor). *Revista de Guimarães*, 122-123 Jan.-Dez. 2012-2013, p. 119-136.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

O FRUTO E A FLOR (JOÃO DE MEIRA, ESCRITOR)

António Amaro das Neves¹

Resumo

João de Meira foi um escritor precoce, senhor de uma escrita com enorme plasticidade. Leitor compulsivo, foi um estudioso da literatura e é autor de uma obra multifacetada, que vai da poesia aos estudos históricos, do jornalismo à clínica histórica e à patologia arcaica. A sua morte precoce contrariou o destino lhe parecia traçado, que certamente o iria conduzir a um lugar na primeira linha das letras nacionais do seu tempo. Neste texto, esboça-se uma biografia literária abreviada de João de Meira.

Palavras-chave: Literatura, Poesia, História, Médicos escritores, Escritores vimaranenses.

João Meira, nos seus 32 anos, era já um erudito, além do seu saber profissional, e ao mesmo tempo que dava o fruto saboroso e são, dava também a flor fina e perfumada, era um artista.

Domingos Leite de Castro

João de Meira nasceu em Guimarães a 31 de Julho de 1881. Era filho de Joaquim José de Meira e de Adelaide Monteiro de Meira. O seu pai era um prestigiado médico e cirurgião, que se destacou pela sua intervenção cívica na política e na cultura locais. Nos estudos e na profissão, João seguiria as pisadas do progenitor, concluindo o curso de medicina no Porto em 1907, com uma tese intitulada *O Concelho de Guimarães — estudo de demografia e nosografia*. Em 1908, concorreu a professor substituto na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, onde se formara, com um trabalho sobre *O Parto Cesáreo*, e onde viria a ocupar a cátedra do seu mestre Maximiano de Lemos. Dedicar-se-ia à docência naquela escola até à sua morte, que chegou prematura no dia 25 de Setembro de 1913. Os que o conheceram, recordam-no como um escritor de grandes recursos.

João de Meira cresceu numa cidade que, à sombra da Sociedade Martins Sarmiento, fervilhava de actividade intelectual, circunstância que ajudou a forjar o seu espírito curioso e inquieto. Pela mão de seu pai, conviveu com eruditos cujo prestígio ultrapassava largamente as fronteiras de Guimarães, como Francisco Martins Sarmiento, Alberto Sampaio ou João Gomes de Oliveira Guimarães, o Abade de Tagilde. Leitor compulsivo, desde muito jovem se manifestou nele uma forte inclinação para as letras. Frequentou o Colégio de S. Dâmaso, que funcionava no con-

¹ Investigador do CITCEM/Universidade do Porto, Professor da Escola Secundária Francisco de Holanda - amarodasneves@esfh.pt.

vento da Costa, onde Eduardo de Almeida, três anos mais novo, o conheceu em meados da década de 1890. Quando começou a frequentar o colégio, um dos professores apontou João de Meira ao jovem Eduardo “como um conterrâneo ilustre, julgando bem ingenuamente que era possível tomar alguém para modelo — na inteligência — o único vício humano que se não imita”. Anos mais tarde, aquando da morte de Meira, Eduardo de Almeida recordava o seu amigo nos dias do Colégio de S. Dâmaso:

A sua cultura era já invulgar e superiormente inclinada para a Arte. Numa febre da alma, o charuto aceso— esse magnífico charuto de revolta que à noite de espiritual boémia nos acompanha pelo infinito como espiralando a fumarada de vertiginosa locomotiva —, ele profundava Camilo e Eça, Antero e Junqueiro, Flaubert e Zola, não com o incansável mas estéril ardor do transeunte esfomeado de Beleza, mas na ânsia perturbante, mais voluptuosamente envenenadora, de quem não perde, mineiro que uma lanterna de Ideal encaminha no fundo da terra, uma só partícula por que ela possa ter a forma lapidar dum diamante.

Por aqueles dias, já João de Meira se destacava pela sua cultura e pela sua eloquência. Eduardo de Almeida evoca um discurso de João de Meira, em que “o João timbradamente desfia, num discurso original, as glórias de Guimarães”. Estava escrito: viria um dia em que também Eduardo de Almeida seria um orador eloquente e, tal como seu colega Meira, um historiador das coisas de Guimarães, que não esqueceu o efeito precursor das palavras que escutou a João de Meira no despertar da sua consciência para a história da sua terra:

Pela primeira vez eu ouvi falar assim da nobreza de heroísmo e trabalho da terra em que nascêramos e duplamente consolado por me contar a boa nova de tantos privilégios e forais, estreando-se na luta da inteligência, aquele irmão mais velho.

Ainda não tinha completado 15 anos quando teve o seu baptismo como autor publicado. Nos primeiros dias de Maio de 1896, o jornal *O Comércio de Guimarães* deu luz a um pequeno ensaio em que o jovem Meira trata da identificação de Guimarães com a antiga Araduca a que se refere Ptolomeu na sua Geografia e que o padre Ferreira Caldas, na sua monografia *Guimarães — Apontamentos para a sua História*, dava como demonstrada, com base na autoridade de diversos autores do século XVII, como Jerónimo Contador Argote. No seu texto, João de Meira revê Ptolomeu e o que escreveram os autores em que se sustenta o padre Caldas, concluindo que os seus argumentos

eram de pouco valimento. E escreveu: “eu queria que Contador de Argote nos apresentasse provas de que Guimarães era Araduca e não que simplesmente diga que *alguém* assim o afirma”. Neste texto inicial, ainda algo incipiente no processo de escrita, está já enunciado o método que João de Meira aplicará aos estudos históricos a que, mais adiante, se dedicará. Num tempo em que boa parte dos estudos históricos locais se limitavam a replicar, quase *ipsis verbis*, o que escreveram os autores antigos, aceitando-os como fonte de autoridade de todo o conhecimento, o jovem Meira centra-se na descodificação das fontes históricas para fundamentar as suas conclusões, mesmo correndo o risco de chegar a conclusões que iam a contracorrente da exaltação das glórias e dos feitos da história da sua pátria. E se, afinal, a leitura crítica de Ptolomeu não confirmava a ideia feita de que Guimarães teria nascido sobre as ruínas da velha Araduca, essa confirmação não deveria ser ocultada. E assim o escreveu:

Eu bem quisera juntar a Guimarães mais este título de nobreza. Queria poder provar com testemunhas irrecusáveis, que Guimarães representa a antiga Araduca: mas, quando intentava isso, convenci-me exactamente do contrário que tal não se podia provar por isso mesmo que Guimarães nunca o foi.

A inteligência e a cultura do jovem João de Meira impressionavam fortemente aqueles que com ele lidavam, servindo de exemplo a outros jovens da Guimarães do seu tempo. Assim foi, como vimos, com Eduardo de Almeida. Assim será, talvez de um modo ainda mais marcante, com Alfredo Pimenta, com quem manteve uma convivência mais próxima, por motivos de natureza familiar (tendo ficado órfão aos 12 anos, a vida de Alfredo Pimenta era orientada por um conselho de família de que fazia parte o pai de João de Meira). Em 1924, numa conferência na Sociedade Martins Sarmento, Pimenta desfiará algumas das suas memórias dos dias em que, pela mão de João de Meira, dava entrada “num mundo agitado e novo”:

Horas inteiras, tardes inteiras, na casa de seus pais na rua de D. João I, eu ouvia o que ele me lia, ouvia o que ele me dizia, ouvia o que ele me contava. Franqueou-me a sua biblioteca em começo. Foi no seu escritório primeiro, e nas salas desta Biblioteca depois, que eu principiei a amar os livros, a ter aos livros este amor absorvente, incansável, eternamente insatisfeito, que ainda hoje me queima e me consome. Eu ia, para a sua convivência, aprender a saborear o encantamento da Arte, e a grandeza da Ciência. Os meus primeiros versos, ele os leu. As minhas primeiras prosas, ele

as ouviu. [...] Foi ele que me introduziu na floresta enigmática do Pensamento. Uma vez lá dentro, deixou-me e disse-me: caminha! E eu caminhei... E tenho vindo a caminhar... Ao entrar nessa floresta — ele mostrou-me rapidamente tudo o que havia — as flores venenosas e os lírios celestes.

Quando João de Meira, já na segunda metade da década de 1890, chegou ao Porto para frequentar a Escola Politécnica, foi precedido pela fama da sua inteligência e das suas inclinações literárias. Um dos companheiros desse tempo, Joaquim Costa, que seria, durante largos anos, director da Biblioteca Municipal do Porto, confidenciou que nunca conhecera alguém que, como Meira, “tivesse, num grau mais elevado, a paixão e a dignidade do espírito”. Em 1921, recordou os dias iniciais dessa amizade:

Quando o conheci, era ainda estudante nos primeiros anos da Politécnica do Porto. Tinha vindo de Guimarães com uma mala cheia de livros, e foi instalar-se numa república de solteirões veneráveis, na rua dos Mártires da Liberdade. Tinha, já nesse tempo, fama de muito inteligente, e colecionava com fervor exemplares de edições raras de Camilo Castelo-Branco. E não o fazia exclusivamente por interesse de bibliófilo, mas também porque a obra do romancista glorioso do Amor de Perdição lhe mereceu sempre uma análise muito atenta e, cuidadosa. Entre os poetas, admirava profundamente Antero de Quental.

João de Meira frequentou uma tertúlia no célebre café Camanho, que era o mais concorrido do Porto e se encostava à igreja dos Congregados, na actual Praça da Liberdade. Era ponto de encontro de escritores e artistas, como Guerra Junqueiro, Sampaio Bruno, Camilo, Basílio Teles ou João Chagas, chegando a ser comparado aos mais famosos cafés literários de Paris ou de Amesterdão. Era aí que, como contará Joaquim Costa, se reuniam “em volta de uma xícara de café”, fazendo “as blagues mais transcendentas, discutiam os livros que saíam dos prelos e se enviam em discussões tremendas”, no meio das quais as mesas de mármore se cobriam de caricaturas e de versos irreverentes. O alvoroço dos jovens candidatos a literatos causava alarme ao proprietário do café, o espanhol José Manuel Camanho, que certo dia os haveria de intimar com um “mandado de despejo”. A tertúlia passou a reunir no mais cosmopolita Café Suíço, conhecido pela sua decoração luxuosa, com enormes espelhos, candelabros e jarrões de flores.

Joaquim Costa, cujas memórias temos vindo a seguir, revela-nos a face-ta de insaciável devorador de livros que animava o espírito e o quotidiano de João de Meira:

O Meira percorria os alfarrabistas à procura de livros interessantes e raros; e, todos os dias, nos comunicava algum achado precioso. Lia tudo febrilmente. Às vezes, à cabeceira da sua cama, entre os compêndios de química, de botânica ou de zoologia, — cadeiras que então frequentava, — havia volumes em prosa e verso, romances de Zola e de Daudet, de Goncourt, de Flaubert e de d'Annunzio, de mistura com ensaios de economia social, que, então, profundamente o interessavam.

Uma outra tertúlia que João de Meira frequentou assiduamente nos seus tempos de estudante da Escola Politécnica do Porto era a que se reunia na livraria Sousa Brito, de porta aberta numa esquina da rua do Almada e que confinava com a travessa da praça de D. Pedro. Ali, um grupo de jovens, “sentados em velhos bancos poeirentos que um caixeiro cobria de jornais”, mantinham animadas conversas sobre literatura. Entre eles, “estava sempre o dono da casa, o Sousa Brito, de mãos nos bolsos do sobretudo grisalho como a sua barba, o pescoço abafado num lenço, contando velhos casos do seu tempo”. Meira recordou esses dias num texto que publicou em Outubro de 1901 no periódico literário vimaranense *A Memória*:

Eram infalíveis o Rodrigo Solano, pensativo e louro, que por vezes nos declamava trechos de poesia alheia numa voz sonora e ritmada; o Amadeu Cunha, de negra guedelha luzidia, míope e nervoso, torcendo sempre a dextra magra num gesto que parecia alagar uma esfera imaginária suspensa em sua frente; Paulo Osório, gordo, pachorrento, dandy de monóculo pendente; o Antonio de Carvalho, pequenino e louro como as castelãs das suas bailadas, triste.

Não era raro encontrar a facezinha papuda do Carmo Braga Júnior, ou o perfil esguio do Castro Lopes, sempre coberto por um lendário chapéu quase sem abas.

Falava-se então de tudo.

O Osório prostrava-se ante os contos do Trindade Coelho, o Amadeu ante a prosa de Fialho; eu chocava o modernismo da assembleia com citações fradescas do velho latim estropiado, e o Castro Lopes, a quem a língua de Virgílio irritava, atirando logo para a nuca o chapeuzinho, estendia para mim a ponteira da bengala, berrando:

— Lá está aquele diabo com a Bíblia às voltas. Parece um sacristão!

À volta dos tampos de mármore das mesas dos cafés, onde se sentavam, entre outros, João de Meira, Joaquim Costa, Rodrigo Solano, Torcato Pinheiro, Paulo Osório e António Garcia de Sousa Ventura, congeminaram-se vários projectos editoriais. Um dos que veriam a luz do dia foi *A Parvónia*, um “panfleto formidável”, que nasceu, segundo Joaquim Costa, para “atroar a cidade de Guimarães, na sua pacatez provinciana”.

O título de *A Parvónia* glosava uns versos de Guerra Junqueiro em que se incitava a

*Metralhar a Parvónia a cascas de pepino
Esfaquear Prudhomme, e apunhalar Calino*

Esses versos apareceram no final da edição da peça satírica *Viagem à Roda da Parvónia*, assinada por Gil Vaz, mas escrita a duas mãos por Guilherme de Azevedo e Guerra Junqueiro, que tinha como propósito, segundo se lê num comentário de Antero de Quental, “descrever a sociedade de Lisboa, na variedade pitoresca das suas pequenas e não pequenas misérias morais e intelectuais, com os seus ridículos e as suas baixezas, as suas pretensões e a sua ignorância, o seu descaramento e o seu vazio”. Foi levada à cena no Teatro Ginásio Dramático, de Lisboa, onde estreou no dia 17 de Janeiro de 1879. No dia seguinte, foi proibida pelo Governo Civil, com o pretexto de que seria “atentatória à moral pública”.

Obra de um grupo de jovens idealistas (“éramos, quase todos, teoricamente revolucionários”, escreveria Joaquim Costa) *A Parvónia* propunha-se replicar em Guimarães as intenções de crítica social da *Viagem à Volta da Parvónia*, almejando, por via da “troça mansa estourar a pontapés tudo o que for repositório de porcaria e de ignomínia”. O primeiro número saiu do prelo com a data de 5 de Agosto de 1898. Apresentava-se como uma folha avulsa de arte e crítica. Os textos que publicava vinham, regra geral, assinados por pseudónimos de entidades infernais: *Diabo*, *Lusbel*, *Satan*, *O Diabinho*, *O Demónio*, *O Mafarrico*. *A Parvónia* foi uma publicação de pendor satírico e irreverente, com reconhecida propensão iconoclasta que, mais tarde, seria atribuída à juventude dos seus autores. A maior parte dos textos aí publicados são da autoria de João de Meira, com 17 anos acabados de completar, e de António Garcia de Sousa Ventura, que era ainda mais jovem, tendo 15 anos de idade, e que viria a enveredar pela carreira na marinha, chegando a Contra-Almirante e a Chefe de Estado-Maior Naval (1941-1946). Contava com outros colaboradores, que assinavam com o próprio nome, como Joaquim Costa, Rodrigo Solano ou Torcato Pinheiro. O primeiro número abria com um texto do Diabo, em jeito de programa editorial:

ALERTA

Meus senhores, que a vossa bondade nos desculpe o ousarmos vir à rua assim, arregaçados, em mangas de camisa; mas outro vestuário não convém a quem sai para esvurmar abscessos.

A lanceta está aqui, é esta caneta de dez réis, que há-de, por vezes, perfurar couros, no intento louvável de fazer sair pus.

Trazemos lanceta e buscamos um homem, como fez outrora Esopo ou Diógenes, e, valha a verdade, não o toparemos, mesmo voltando contra nós a luz.

Ainda não somos homens, não chegámos à maioridade, não temos o substancial direito de votar, o mesmo que trocar a consciência, uma coisa intangível, pelo carneiro, que nutre e engorda.

—*Quem sois vós?*

Eu, que vos escrevo, sou o Diabo, o anjo rebelado que ousou erguer a face ante Jeová, que não reconhece soberanias, que tombou vencido, mas nobre. Os outros eles dirão quem são.

Enfim nós somos os rebeldes a quem este calor de Agosto, que destila em suor as carnes moles da burguesia e lhes põe nos membros uma lassidão mórbida, nem intimida nem enfraquece, que nos propomos em dois meses de troça mansa estourar a pontapés tudo o que for repositório de porcaria e de ignomínia.

Meus senhores, criado de vosselências.

O Diabo

Logo na sua primeira edição, datada de 5 de Agosto de 1898, *A Parvónia* mostrava ao que vinha, como o demonstra um poema que *Lusbel*, ou seja, João de Meira, assina:

PARVÓNIA

*Berço de el-Rei Afonso, um rei salteador
Que tinha bico de águia e garras de condor
Que pela escuridão da noite, ousado vem
De assalto conquistar, aos moiros, Santarém.
Entre ele e o salteador nocturno duma estrada
A diferença é pequena, é mesmo quase nada.
Um rouba a excluir de Deus bem alto o nome,
Outro só porque o impele e atormenta a fome.
Berço de el-Rei Afonso, um rei salteador,*

Que vós, ó meus patrícios dignos de louvor,
 Colocastes num campo em trágica postura,
 De molde a deixar ver rija musculatura.
 Berço de el-Rei Afonso, o teu velho colchão,
 Colchão que tem servido a muita geração,
 Exala um cheiro mau, cheiro amoniacal;
 Está podre e safado; não vale já real.
 Pudesse a minha voz erguer-se para cantar,
 Num canto patriota a terra do meu lar,
 Pudesse-lhe eu chamar a terra sem rival,
 Não tivesse ela em si o largo do Tournal
 E dentro do Tournal um lago nada mau
 Onde os vizinhos vão molhar o bacalhau,
 Pudesse a minha voz erguer-se para cantar-te
 Que eu partia daqui, iria a toda a parte
 Com a lira na mão, como velho rapsodo
 Que saía da Grécia e pelo mundo todo
 Cantando celebrava a pátria lá distante
 Num hino dolorido, um hino emocionante;
 Mas se olho para ti, berço dum salteador,
 Se olho para ti, só vejo imerso em dor
 Ruínas do passado e nada do presente,
 Como velha cidade susta de repente
 Que ficasse a dormir um sono secular.
 Guimarães, Guimarães, eu quero-te acordar.
 Tu não despertas não, tocando-te de manso
 De chamar-te baixinho, ó terra já me canso.
 É preciso acordar enfim desse letargo
 E o remédio é este, é um remédio amargo,
 Que custa infligir e custa a suportar.
 Ferro em brasa, ventosas e há-de despertar!
 Então ó Guimarães, então te cantarei
 Berço da tirania, berço de Afonso... um rei.

Lusbel

É ainda Joaquim Costa que confidencia o motivo do encerramento deste projecto:

A gazeta incomodou algumas pessoas timoratas; e o Meira, que era fundamentalmente bom, resolveu pôr termo à campanha. E assim findou a nossa quixotesca escaramuça.

Nos cinco números desta publicação, João de Meira publicou duas poesias que assinou com o seu próprio nome. Assinou também uma versão em português do poema *Le Couvercle*, de Charles Baudelaire. Era patente que, por aquela altura, já a pena de Meira se inclinava para as lides poéticas, onde era visível a influência de Antero de Quental. Publicou o seu primeiro poema ainda com 16 anos, no jornal *O Comércio de Guimarães* de 3 de Junho de 1898.

VISÃO

*No meio das agruras desta vida
Vi, um dia, o teu rosto imaculado,
Onde uns olhos luziam, que encantado
Me deixaram, por mal da minha vida.*

*E como se sonhasse esta tão querida
Aparição, e o sonho dissipado,
Logo ela se tivesse evaporado
Deixando uma lembrança diluída...*

*Como se fora ilusão do caminheiro,
Que lhe faz entrever a água pura,
Onde existe só areia requemada...*

*Deixaste ver teu rosto feiticeiro,
Deixaste-me sonhar uma ventura
E quando avancei, achei o nada...*

Porto 9-5-98.

Dois anos depois, Meira publicaria na revista *A Memória*, sob o pseudónimo de *Homo*, uma série de textos que deixavam antever um escritor de largos recursos, e que, segundo um biógrafo, já revelavam Meira como “um escritor da raça de Camilo”. *A Memória* foi uma publicação essencialmente literária, de que saíram 31 números e um suplemento, entre Setembro de 1900 e Abril de 1901, onde Meira foi assíduo na sua colaboração, da qual se destaca uma série de textos sob o título “Páginas das minhas memórias”, onde dá um vivo relato das suas experiências no Porto, em especial nas narrativas que intitulou “Espíritas”, onde relata, com ironia mordaz, as suas experiências com o seu grupo de amigos em sessões de espiritismo conduzidas por um tal Claudino Novais:

A nossa decepção foi grande e amargamente lamentamos não ter havido mesa de pé de galo em desordenadas danças, fantásticas aparições, toda a série de fenómenos sobrenaturais que a nossa curiosidade desejava conhecer.

De tudo o que tínhamos presenciado uma só conclusão ressaltava nitidamente, um só facto se evidenciava e vinha a ser que por este mundo fora há modos bem variados e bem inesperados de ganhar a vida; mas isso sabíamos-lo já e não era necessário ir aprendê-lo a um quarto andar da rua do Corpo da Guarda.

No final de Janeiro, João de Meira publicou o primeiro artigo da série “Em Lisboa” das “Páginas das minhas memórias”, que se inicia no momento em que, “por uma tenebrosa madrugada de Outubro, fugido a um sábio Herodes degolador de inocentes como eu; achei-me caminhando sobre Lisboa num vagão de comboio”. Joaquim Costa esclarecerá o motivo da partida forçada de Meira para a capital do Império: “ele foi para a Politécnica de Lisboa, ver se os manes da química orgânica se lhe não mostravam tão adversos”. O “Herodes degolador de inocentes” a que Meira se refere era o célebre professor António Joaquim Ferreira da Silva, uma das figuras mais proeminentes da ciência portuguesa do seu tempo, director do Laboratório Municipal de Química do Porto e professor na Escola Politécnica, onde leccionava a cadeira de Química Orgânica e Analítica, em que João de Meira tropeçou. A passagem de João de Meira por Lisboa foi curta. Um ano passado, já estava de novo no Porto, para frequentar a Escola Médico-Cirúrgica.

Da passagem por Lisboa, além dos textos que publicou em *A Memória*, ficaram vários poemas, com marcada influência da arte de Cesário Verde, nomeadamente uma série de três poesias: *Loira*, cuja versão original está datada de 16 de Março de 1900, *Branca*, escrito em Guimarães no domingo de Páscoa de 1900 (15 de Abril), e *Loira e Branca*, composto em Lisboa dez dias depois:

LOIRA E BRANCA

Ê como o sol dourada e como a lua branca.

Cesário Verde.

Bendita sejas tu entre as mulheres!

Eu te adoro criança, sê bendita!

Trouxeste-me outra dor, outra desdita.

Que importa se ninguém me traz prazeres?

*Tão loira e branca como os malmequeres,
Como eles ingénua e tão bonita,
Que nunca o meu olhar, quando te fita,
Saiba dizer-te um só de estes dizeres.*

*De que vale sabê-lo, de que vale,
Se nunca me hás-de amar, se, por meu mal
Ou por meu bem talvez, ninguém me quer.*

*Se as minhas ilusões, efémera espuma,
As arranco do peito de uma a uma,
Como quem desfolhasse um malmequer...*

Lisboa 25-4-1900.

João de Meira.

Meira deixou-nos algumas dezenas de poemas, a maior parte dos quais escritos entre finais da última década do século XIX e meados da década inicial do século XX, numa produção marcada por alguma irregularidade e dissonância, próprias de um poeta que andava à procura da sua voz e que, infelizmente, acabaria por não consumir o que prometia.

João de Meira também se dedicou activamente ao jornalismo. Em Novembro de 1901, começou a ser publicado o semanário *Independente*, que se apresentou como jornal político, defensor “da liberdade e da boa administração”, mas com uma vocação de intervenção “essencialmente local”, propondo-se pugnar “pelo progresso material e moral” de Guimarães. Contrariando o título que ostentava, o periódico estava alinhado com o Partido Regenerador Liberal, recentemente criado por João Franco, na sequência do seu rompimento com Hintze Ribeiro e com o Partido Regenerador. A propósito da contribuição de João de Meira para o jornalismo da sua terra, escreveria Joaquim Costa:

Raras vezes, o jornalismo provinciano teve ao seu serviço uma pena tão culta e tão requintadamente literária. Era soberbo no arranque, correctíssimo nos processos de combate, leal e generoso, até mesmo com os seus mais intransigentes adversários. Num meio mais largo, as suas campanhas não podiam deixar de produzir um sucesso colossal; nas páginas apagadas duma gazeta de província passaram, numa fulguração surpreendente de talento. E é pena que se tivessem perdido. Mostravam uma vocação de combatente precoce e impunham-se pelo seu invulgar recorte literário.

Embora o seu nome nunca tenha aparecido no cabeçalho do jornal, João de Meira terá sido fundador do *Independente*, sendo, durante vários anos, um dos seus colaboradores mais activos. Como muitos dos textos que publicou no *Independente* não estão assinados, devemos a sua identificação ao seu irmão republicano, Gonsalo (sic) de Meira, conservador do registo predial, que compilou pacientemente os recortes dos artigos que João de Meira deixou dispersos em diversas publicações periódicas, reunindo-os em dois grossos volumes que entregou à guarda da Sociedade Martins Sarmiento. O que publicou no *Independente* são notas e comentários a assuntos da ordem do dia, locais e nacionais, crónicas do quotidiano, polémicas onde a mordacidade da sua pena se fazia notar, notas bibliográficas, textos de história (foi nas páginas de vários números do jornal que publicou o primeiro ensaio sobre a história das festas dos estudantes de Guimarães a S. Nicolau), memórias sobre vimaranenses que conheceu, com destaque para os textos que publicou sobre Francisco Martins Sarmiento, textos biográficos e de análise literária sobre Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós, Antero de Quental, entre outros. Foi numa separata do *Independente* que João de Meira fez a primeira publicação das cartas de Camilo ao seu amigo e protector Francisco Martins Sarmiento, até aí inéditas.

Entusiasta das festividades que os estudantes de Guimarães dedicam a S. Nicolau, João de Meira, tinha participado, enquanto estudante, no ressurgimento das festas em 1895. Além de ter estudado e divulgado a sua história, foi autor dos pregões escolásticos das festas dos anos de 1903, 1904 e 1905. O pregão, ou bando, é um longo texto em verso que é declamado por um estudante em vários lugares da cidade na tarde do dia 5 de Dezembro de cada ano, cumprindo a função de anunciar as festividades do padroeiro, que acontecem no dia seguinte. Foi no pregão de 1904 que João de Meira introduziu o termo pelo qual os festejos estudantis a S. Nicolau passaram a ser conhecidas, festa nicolina ou festas nicolinas:

*Rapazes! Nossa música divina
Capaz de estremunhar até Morfeu!
A Música da festa Nicolina
Que a terra abala e desconjunta o Céu!
Mais força, se é possível, mais ferina,
Que inda não é bastante este escarcéu!
Façamos tal restolho, tal chinfrim
Que o inferno pareça aqui assim*

Como já vimos, a literatura era uma das paixões de João de Meira. Leitor compulsivo, dedicou boa parte do seu tempo à análise da obra de autores que admirava, em especial Camilo Castelo Branco e Antero de Quental (que clas-

sificava como o “maior poeta português abaixo de Camões”), ou nem tanto, como Eça de Queirós. Camiliano confesso, Meira escreveu muitas páginas de notas biográficas, de reflexão e de estudo da sua obra. Por vezes, dava conta da sua dificuldade em aceitar que o tempo estivesse a sobrepor a figura de Eça de Queirós ao vulto de Seide. Em Fevereiro de 1906, escrevia no *Independente*:

Camilo abordou todos os géneros literários, se não com o pleno sucesso dos seus romances, ao menos com a evidenciação de uma luminosa inteligência e de uma erudição sem igual; Eça imobilizou-se na feição de Flaubert, de quem tantas e tantas vezes traduziu ipsis verbis frases inteiras.

Meia dúzia de anos mais tarde, Meira publicou no jornal *O Ave*, de Famalição, um artigo em que procurou demonstrar a frequência de Eça de Queirós no recurso, nas suas obras, a “traduções” quase literais de frases de autores franceses. Nesse estudo, repleto de citações de obras de Eça aparentemente decalcadas de obras de outros autores e intitulado “Influências estrangeiras em Eça de Queirós”, Meira afirmava que registava “apenas alguns exemplos que denunciam as influências exercidas por escritores estrangeiros sobre Eça de Queirós, no intuito de contribuir para o estudo da sua personalidade literária”. Apesar de a leitura do seu texto ser passível de instalar uma dúvida razoável quanto à originalidade de parte da obra de Eça, Meira acaba por ilibar o autor de *Os Maias* da acusação de plágio. Embora deixando transparecer o seu desamor à escrita queirosiana, Meira, mesmo quando se mostra elogioso em relação ao romancista, deixa sempre uma nota da sua pouca simpatia por Eça, como quando escreve que, “apesar da penúria do vocabulário, o espírito romântico de Eça, sempre que podia evadir-se do prosaísmo actual, alargava-se com desusado brilho”.

João de Meira cresceu numa cidade onde, à sombra da Sociedade Martins Sarmiento, os espíritos cultos mergulhavam nas coisas da história e da arqueologia. Cumprindo a vocação que já parecia anunciar no primeiro texto que publicou em letra de forma, em que desmontava o mito da filiação da moderna Guimarães na antiga Araduca, Meira também foi historiador. Distribuindo as suas pesquisas históricas pela história da medicina e pela história local de Guimarães, João de Meira foi um historiador de inegáveis méritos e um cultor de metodologias de pesquisa e análise baseadas no rigor interpretativo das fontes historiográficas. Como recordará Pedro Vitorino na evocação que publicou em 1921 na *Revista de Guimarães*, Meira “estudava a história como ela deve ser encarada, aplicando o “método científico e objectivo”, único que a pode levar ao seu verdadeiro fim — a investigação da verdade”.

Os escritos de João de Meira sobre assuntos históricos, marcados do seu espírito irreverente e não conformista, ainda hoje permanecem como referências

incontornáveis para qualquer pesquisa da história local de Guimarães ou de história da medicina em Portugal. Aos 26 anos, quando apresentou a sua dissertação inaugural à Escola Médico-Cirúrgica do Porto, era já um historiador tarimbado por muitas horas de trabalho de arquivo, mergulhado entre velhos documentos. No texto da dissertação, sob o título *O Concelho de Guimarães — estudo de demografia e nosografia*, o capítulo mais impressionante é o que dedica à história, onde apresentava tudo o que de mais rigoroso e inovador até aí se tinha escrito sobre a história da terra que o viu nascer. Do júri que apreciou a dissertação, fazia parte Maximiano Lemos, a quem, não tardaria muito, viria a suceder na cátedra que ocupava, e que, anos mais tarde, recordaria as suas impressões:

Meira conhecia bem os historiadores portugueses, desde Herculano ao sr. Gama Barros, e os cronistas, desde Fernão Lopes e Gaspar Dias de Landim aos insulsíssimos autores da Guimarães agradecida; formara o seu espírito no meio culto daquele centro provincial onde vivera Martins Sarmento e onde teve relações com Alberto Sampaio e o Abade de Tagilde — Oliveira Guimarães —, para citar apenas os de mais evidência, mas era isto pouco para a história que desejava escrever.

Submeteu a exame minucioso os documentos dos Portugaliae monumenta historica, os existentes no Arquivo da Câmara e da Colegiada de Guimarães, alguns que foram copiados no Arquivo nacional, manuscritos locais em mãos de particulares e então começou a escrever, não havendo uma linha que se não baseie em documento autêntico, precedendo o aproveitamento de uma crítica rigorosa. Liberto de preconceitos de nomes, quando os documentos falavam em desarmonia com asserções dos consagrados, preferia-os. Também não tinha o culto das personalidades.

Regressando às fontes primordiais dos estudos históricos, os documentos, Meira nunca se coíbiu de questionar verdades históricas que então se tinham por incontestáveis. Se a morte o não tivesse levado tão cedo, estava destinado a ser o continuador do Abade de Tagilde na organização dos *Vimaranis Monumenta Historica*, obra monumental que, até aos dias de hoje, permanece no ponto em que estava em 1913.

Antes de escrever *O Concelho de Guimarães*, já João de Meira iniciara a sua colaboração na Revista de Guimarães, em cujas páginas se encontram, entre outros trabalhos, os estudos precursores *O Claustro da Colegiada de Guimarães* (1905) e *Subsídios para a história vimaranense no tempo do Prior do Crato* (1908). Em 1921, após vários anos de interregno na edição desta revista, foi

publicada uma conferência que tinha escrito, mas que ficaria na gaveta, porque a morte se lhe antecipou. Tem o título de *Guimarães. 950-1580*, e continua a ser uma peça incontornável na historiografia vimaranense, que termina evidenciando “um certo número de verdades que são geralmente ignoradas ou desprezadas”, a saber:

I. Guimarães nasceu em volta do convento fundado por Mumadona numa quinta sua, no meado do século X. Anteriormente a esta data não existia no local onde nos encontramos qualquer agregado urbano. Como consequência: nem Guimarães pode ter sido a Araduca de Ptolomeu, nem S. Dâmaso, que viveu no século IV, pode ter sido vimaranense.

II. A Igreja de São Tiago foi construída pelos franceses que acompanharam o Conde D. Henrique, e na sua descendência se manteve muitos anos. Como consequência, esta igreja não pode ter sido templo de Ceres, nem São Tiago a pode ter cristianizado.

III. O castelo de Guimarães chamava-se de S. Mamede. Os documentos coevos dizem que a batalha de S. Mamede se feriu junto do Castelo. Como consequência: a batalha entre D. Afonso I e sua mãe não se deu em qualquer ponto do Vale de S. Torquato.

IV. Nenhum documento coevo diz que D. Afonso Henriques nascesse em Guimarães. Os primeiros livros que referem o nascimento em Guimarães datam do século XVII e não alegam autoridade mais antiga. Como consequência: é incerta a naturalidade de D. Afonso Henriques.

V. O Arcebispo Geraldo já tinha falecido em 1109. Como consequência: não é provável que baptizasse o rei, nascido, ao que parece, em 1111.

Cientes disto e do que expus, nem daremos motivo a que nos chamem bárbaros por não conhecermos a nossa história, nem nos prestaremos ao riso por a narrarmos amplificada com fábulas inconsistentes.

Não fora a vida ter-lhe sido tão curta, seria de esperar que João de Meira aprofundasse os seus estudos históricos, ajudando, nomeadamente, a iluminar o tempo, ainda hoje tão obscuro, da primeira metade de oitocentos em terras de

Guimarães. Havia recolhido materiais e testemunhos com esse propósito, mas faltou-lhe o tempo para os trabalhar como prometia.

Na outra área da investigação histórica em que João de Meira se especializou, a da história da medicina, deixou publicada vasta produção. Quando, em 1910, Maximiano Lemos iniciou a publicação de uma nova série dos *Arquivos de história da medicina portuguesa*, teria como principal colaborador João de Meira, que aí publicaria um conjunto de estudos de clínica histórica, como os que dedicou à hipótese da morte de D. Pedro V ter resultado de envenenamento, ao possível diagnóstico de lepra do Marquês de Pombal e às causas da morte da rainha D. Estefânia, a par de artigos dedicados a estudos de patologia arcaica, como aqueles em que se debruçou sobre as pestes de 1384 e 1415 ou sobre os gafos (leprosos) do nobiliário português.

Escritor de recursos assinaláveis, João de Meira também usava da escrita como divertimento. Tinha uma extraordinária facilidade em produzir *pastiches* ao estilo de grandes escritores, como Antero de Quental ou Cesário Verde, que passavam, mesmo entre alguns dos mais abalizados estudiosos das obras daqueles poetas, como obras autênticas. Luís de Pina, o professor de medicina que lhe sucederia na cátedra, também vimaranense, deixou registado o espanto que causava a duplicidade da personalidade de João de Meira e a plasticidade da sua escrita.

É difícil, mesmo, conceber como no mesmo indivíduo se emparceirava tão fecunda e feraz imaginação e tão veemente severidade, com rigor extremo na investigação e exposição da Verdade em História. O irreal e o real conexos: aquele, expresso em obras de fantasia, como havemos de lembrar; este, em outras de profunda reflexão e louvável sentido e desígnio, a desvelar erros incoerentes ou insuficiências, em puro revisionismo histórico.

João de Meira, o académico grave e sóbrio, que escrevia os seus artigos científicos num português contido e rigoroso, era capaz de uma escrita desconcertante, carregada de ironia e de sentido de humor, que sobressaía especialmente quando se dedicava à imitação de escritores de diferentes tempos, géneros e estilos literários que, por vezes, passavam, sem grande dificuldade, por obras autênticas dos seus supostos autores. Ficaram célebres imitações de autores como Gil Vicente, Sá de Miranda, Herculano, Eça, Antero ou Cesário Verde. Alguns dos seus *pastiches* chegaram a ser publicados em jornais portugueses, apresentados como achados de obras autênticas desconhecidas de autores celebrados da literatura portuguesa. Um deles, *Loira*, provocaria, em meados do século XX, uma acesa polémica entre Joel Serrão e Jorge de Sena.

É particularmente notável a série de textos que João de Meira escreveu para dedicar ao Professor Maximiano de Lemos, num jantar de homenagem que, em 1911, assinalava a sua aposentação do ensino da medicina, que, anos mais tarde, seria recordado por um dos que nele participaram, Cândido de Pinho:

No intervalo de cada um dos pratos João de Meira levantava-se, simples, recolhido e solene, e, chegando junto de Maximiano recitava-lhe um texto, composto no estilo dos nossos literatos mais notáveis desde o XII século até agora, alusivo à sua jubilação. A linguagem, o pensamento, a estrutura da frase, a própria feição crítica ou dialéctica do autor, achavam-se reproduzidas com uma exactidão inexcedível. Ninguém diria que não estava ouvindo um trecho impressivo dum dos nossos mais considerados literatos, prosadores e poetas. Assim foram desfilando naquele cortejo apoteótico e comemorativo o rei D. Dinis, Fernão Lopes, Cristóvão Falcão, Luís de Camões, Diogo Bernardes, Padre António Vieira, Fialho de Almeida, Eça de Queiroz, António Nobre, Xavier de Novais e outros até concluir por uma engraçada facécia, estilo Conan Doyle, intitulada Sherlock Holmes no Porto. Era uma verdadeira balada heróica, fazendo lembrar a balada dos mortos, de Huland.

Além de *Sherlock Holmes no Porto*, que está na origem de dois contos que apareceram em 1912, no primeiro número da revista *Mundo Ilustrado*, com os títulos *O Cadáver que se evade* e *O Truc de Mr. Raymond*, obras pioneiras, em Portugal, no género da literatura policial, João de Meira publicaria na mesma revista uma continuação de *A Corja*, de Camilo Castelo Branco, com o título *Eusébio Macário em Guimarães*.

Não faltou quem acusasse Meira de falsário ou de plagiador, mas ele não era mais do que um escritor dotado de um engenho inusitado para escrever ao modo como poderiam ter escrito diversos autores consagrados. Porque, além de dotado de reconhecido talento para a escrita, era um estudioso das obras e dos estilos dos autores que replicava. Plágio é coisa bem diferente, como explicava o próprio Meira no artigo que já aqui mencionámos, quando escrevia acerca das suspeitas de plagiato em obras de Eça de Queirós:

O plágio é o roubo desleal e condenável que Eça nunca praticou. O que ele fazia era imitar, transportar para o seu estilo as imagens, as ideias ou as expressões de um outro estilo, apresentando de um modo inédito as coisas já ditas, ou aplicando frases feitas a situações inteiramente novas.

Professor, médico, escritor, jornalista, historiador, investigador, cronista, polemista, fingidor. Tudo isto foi João de Meira. Mas foi, na sua essência, um poeta que, se não chegou a concretizar a obra que prometia, nos legou uma boa safra de versos memoráveis. Em 1921, o seu amigo Joaquim Costa lamentava-se, nas páginas da *Revista de Guimarães*:

E tenho pena, tenho infinda pena de que ainda se não encontrem coligidos em volume os versos que deixou inéditos ou espalhados, ao acaso, por todas as publicações em que colaborou.

Um outro amigo, ainda mais antigo, Alfredo Pimenta, ia no mesmo sentido:

Muito conviria ao bom nome da cidade de Guimarães, a publicação integral dos seus versos, respeitando-se absolutamente as flutuações do seu Pensamento, porque este, com todas as suas bizarrrias, todos os seus excessos, todos os seus desvios — é sempre, deve ser sempre sagrado. Já por mais de uma vez pensei em provocar essa publicação, mas sabendo que tinha dado os seus primeiros passos nesse sentido o meu velho amigo Joaquim Costa, companheiro de João de Meira, no Porto, desisti, para que a ele coubesse a glória de tal procedimento. Mas isso não impede que eu lembre aqui a conveniência da publicação dos seus versos, seguida da publicação, também em volume, dos seus escritos em prosa — estudos históricos, críticas literárias, artigos de polémica — reservando-se, talvez, para uma publicação muito mais tardia, estes últimos, os que pudessem ferir ainda susceptibilidades.

Transcorrido mais de um século sobre a última viagem de João de Meira, a sua obra, nomeadamente a poética, continua quase esquecida. Vai sendo tempo de a trazer à luz, para que João de Meira possa ser colocado no lugar que é o seu por direito no quadro das letras portuguesas. Porque, como disse Pedro Guimarães, em nome dos médicos de Guimarães, num último adeus a João de Meira:

A história, quando falar dele, há-de dar razão ao orgulho que Guimarães sentia em lhe chamar seu filho.